

Discursos sobre educação: a saúde socioemocional como mercadoria

Thais Rosa Viveiros
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Este estudo toma por base um¹ dos textos presentes no *Blog dos Colégios*², escolhido para este trabalho devido ao assunto de que tratava – a saúde socioemocional –, um dos temas recorrentes do conjunto de 60 textos selecionados do *Blog dos Colégios*. Em 2015, o jornal *Estadão*, mais especificamente, o caderno “Estadão.Edu”, convidou um grupo de escolas de alto padrão do estado de São Paulo, a maioria delas da cidade de São Paulo, para assumir pequenos blogs (os quais podemos definir como sub-blogs dispostos como páginas acessadas dentro do *Blog dos Colégios*), por meio dos quais pudessem disponibilizar textos sobre educação. Esses textos, entre eles o que é tomado neste estudo, são discursos que se apresentam, à primeira vista, como meios de propor reflexões sobre o campo da educação. Também à primeira vista, considerando as cenas genéricas (Maingueneau, 1997) que representam, podem ser considerados como artigos de opinião ou mesmo textos de divulgação científica. Contudo, ao analisar esses textos considerando o seu conteúdo em uma perspectiva discursiva, torna-se possível perceber que se tratam de peças publicitárias que pretendem vender uma ideia de novidade em educação. Por esse motivo, torna-se necessário apresentar uma pequena contextualização do pensamento neoliberal, dado o caráter mercadológico dos objetos pedagógicos vendidos como mercadoria; entre esses objetos, o que mais fortemente nos interessa neste estudo: a saúde socioemocional. Para isso, assumimos, como perspectiva teórica, os estudos de Foucault (2021) e

¹ Este texto foi publicado em 2021. Para leitura integral do documento, vide Anexo I.

² Disponível em: <https://m.estadao.com.br/tudo-sobre/blog-dos-colegios>. Acesso em 17 nov. 2023.

Dardot e Laval (2016), sobretudo esses últimos, que, entre outros recortes, se debruçaram sobre o modo como a racionalidade neoliberal atravessa o campo da educação, por meio do empresariamento da escola e do sujeito, em diálogo com os estudos de Foucault (2021).

Para o desenvolvimento deste trabalho, um dos pressupostos assumidos é o fato de o neoliberalismo ser, hoje, mais do que um modo de operação da economia. O sucesso do pensamento neoliberal decorre do fato de ele ter penetração em todas as esferas da atividade humana, porque se configura como “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (Dardot; Laval, 2016, p. 7). Isso foi possível por meio da instituição da concorrência e da competitividade como elementos *sine qua non* das relações sociais, já que concorrer e competir passaram a ser ações concebidas como “forma geral da sociedade” (Dardot; Laval, 2016, p. 134). Seu caráter normativo fez

o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, ser em primeiro lugar e fundamentalmente uma *racionalidade* e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação (Dardot; Laval, 2016, p. 17, grifo dos autores).

Dado esse caráter totalizante da racionalidade neoliberal, neste trabalho, estaremos menos preocupados em fazer uma história do neoliberalismo, no sentido de apontar seus antecedentes, sua realidade atual e sua projeção para o futuro, e mais afeitos a tentar elucidar de que modo o pensamento neoliberal se entranha nas instituições sociais várias. Mais especificamente, procuraremos elucidar como esse modo de compreensão e racionalização da realidade pode ser percebido na estruturação dos pilares da escola que, aqui, chamaremos de neoliberal - tanto nas evidências de sua linearidade, como nas rupturas que instauram a contradição dessa existência. Essa contradição permite perceber formações discursivas (Maingueneau, 1997) distintas e em relação polêmica nesse campo discursivo. Na conjuntura sócio-histórica que permeia o universo da escola hoje, a qual passa por um processo de empresariamento e torna-se, também, o lugar em que é possível ensinar a forma-empresa como modelo de subjetivação, há o registro da relação polêmica estabelecida entre o que se

pretende tradição em educação e o que se percebe como novidade. Nesse contexto, há ainda o registro da “generalização da forma-empresa” (Dardot; Laval, 2016, p. 27), pois o indivíduo é atravessado pela lógica do sistema:

A exigência de “competitividade” tornou-se um princípio político geral que comanda as reformas em todos os domínios, mesmo os mais distantes dos enfrentamentos comerciais no mercado mundial. Ela é a expressão mais clara de que estamos lidando não com uma ‘mercantilização sorrateira’, mas com uma expansão da racionalidade de mercado a toda a existência por meio da generalização da forma-empresa (Dardot; Laval, 2016, p. 27).

Nesse contexto, um primeiro conceito que pretendemos abordar é a noção de governamentalidade (Foucault, 2021). Esse conceito, cunhado por Foucault em seu curso no *Collège de France* intitulado “O nascimento da biopolítica”, define a noção de governo não a partir de sua esfera político-institucional, mas tomando por base uma noção mais inerente do verbo “governar”, que é a de atividade, estabelecendo, na conjuntura do neoliberalismo, a percepção de que “A economia [...] já não é a análise de processos, é a análise de uma actividade. Já não é a análise da lógica histórica de processos, mas sim a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da actividade dos indivíduos” (Foucault, 2021, p. 283). Desse modo, é possível, para Foucault, abordar inclusive o governo de si, para pensar, de modo amplo, a governamentalidade, uma vez que se percebe a lógica do sistema neoliberal marcada por

Uma economia composta de unidades-empresas, uma sociedade composta de unidades-empresas: este é, simultaneamente, o princípio de decifração ligado ao liberalismo e a sua programação para a racionalização de uma sociedade e de uma economia (Foucault, 2021, p. 286).

Nas aulas desse curso, Foucault faz uma historicização do neoliberalismo, no intuito de identificar que, nesse contexto, a ideia de todo é alcançada pela individualização, por meio da genealogia que apresenta do pensamento neoliberal. No decorrer de sua explanação, é possível observar que, com a afirmação do indivíduo e, ao mesmo tempo, da universalidade, historiciza, pela negação, pela falta de referência, a não atenção ao social. A percepção da biopolítica para o que vai ser definido como o sujeito-empresa fica definida pelo fato de que “No neoliberalismo, [...] O *homo economicus* é um

empresário, e um empresário de si mesmo, [...] sendo ele mesmo o seu próprio capital, sendo para si mesmo o seu próprio produtor, sendo para si mesmo a fonte dos seus rendimentos” (Foucault, 2021, p. 286, grifos do autor). Ampliando essa percepção do governo de si no que concerne à governamentalidade neoliberal, Foucault detalha que

É necessário que a vida do indivíduo se inscreva não como vida individual no seio de um quadro de grande empresa que seria a firma ou, no limite, o Estado, mas que possa inscrever-se no quadro de uma multiplicidade de diversas empresas articuladas que, para o indivíduo, estão de alguma maneira a seu alcance, suficientemente limitadas nas suas dimensões, para que a acção do indivíduo, as suas decisões e escolhas possam ter nelas efeitos significativos e perceptíveis, suficientemente numerosas também para que não seja dependente apenas de uma, e é necessário que a própria vida do indivíduo – com, por exemplo, a sua relação com sua família, com o seu lar, a relação com suas garantias, a relação com sua reforma – faça dele uma espécie de empresa permanente e empresa múltipla (Foucault, 2021, p. 305).

Essa lógica de individualização do sujeito, ao mesmo tempo da expansão da forma-empresa, perpassa todas as esferas da atividade humana, e por isso, a instituição educação não fica isenta da influência da estratégia da concorrência. Comumente, é apresentado como verdade o fato de o Estado, segundo as premissas neoliberais, no espírito do *laissez-faire*, dever ser pequeno, reduzido, até mesmo enunciado como “fraco”, visto que, à primeira vista, é o mercado quem rege as demandas. Contudo, pensar o Estado como reduzido e passivo perante o mercado não é viável diante do fato de que o pensamento neoliberal não se restringe ao campo da economia. Para que o discurso neoliberal consiga atravessar as instituições sociais – e porque não admitir, subjetivas – é fundamental conceber que o Estado neoliberal é agente da construção das condições que permitem a plenitude da estratégia da concorrência.

Por isso, hoje, nos documentos que orientam as políticas educacionais globais, termos como “protagonismo”, “empreendedorismo”, “autonomia”, “saúde socioemocional” e “resiliência” (as, de forma ampla, denominadas *soft skills*) vigoram como alicerces. Educar para a competitividade e para a concorrência pressupõe a construção de um ambiente propício para uma abordagem da individualização do sujeito, o qual assume plena

responsabilização por seu aprendizado. A constituição do sujeito empresariado demanda uma constante da perspectiva neoliberal, por isso

A educação e a imprensa serão requeridas para desempenhar um papel determinante na difusão desse novo modelo humano genérico [...]. É interessante constatar que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento (OCDE) e a União Europeia, sem se referir explicitamente aos focos de elaboração desse discurso sobre o indivíduo-empresa universal, serão continuadoras poderosas deles, por exemplo, tornando a formação dentro do 'espírito de empreendimento' uma prioridade dos sistemas educacionais nos países ocidentais (Dardot; Laval, 2016, p. 155).

O sujeito empresariado, segundo o relatório da Unesco para a educação no século XXI (UNESCO, 2012), deve aprender ao longo de toda a vida. Essa ação exige uma forma-sujeito empresariada, protagonista, autônoma e autossuficiente, capaz de responder à "exigência de 'competitividade'" (Dardot; Laval, 2016, p. 27), a qual, em última instância, comanda o espírito de competição e o empresariamento do sujeito. Nesse contexto, quando as instituições reguladoras internacionais, como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), definem o papel que a educação deve assumir no mundo, estão ofertando aos Estados um caminho de ação prévia que delimita demandas (I) que serão aplicadas e, mais importante, (II) que não terão espaço de manobra social coletiva.

Se o mercado é um processo de aprendizado, se o fato de aprender é um fator fundamental do processo subjetivo de mercado, o trabalho de educação realizado por economistas pode e deve contribuir para a aceleração dessa autoformação do sujeito. A cultura de empresa e o espírito de empreendimento podem ser aprendidos desde a escola, do mesmo modo que as vantagens do capitalismo sobre qualquer outra organização econômica. O combate ideológico é parte integrante do bom funcionamento da máquina (Dardot; Laval, 2016, p. 150-151).

Uma vez que o Estado neoliberal age no sentido de construir as condições do espírito de absoluta concorrência, em todos os níveis sociais, incluída a ordem do sujeito – afinal, esse não preexiste ao processo de individualização, o qual é decorrente da lógica do sistema –, a educação da escola neoliberal busca garantir a difusão desse pensamento e o condicionamento do indivíduo

a seu papel de forma-empresa. Aqui, entra a noção de capital humano³, consequente da “construção de uma nova subjetividade” (Dardot; Laval, 2016, p. 31), o que Dardot e Laval chamam de “subjetivação contábil e financeira” (Dardot; Laval, 2016, p. 31). Esse modo de subjetivação propõe um tratamento do sujeito em relação a ele mesmo que é da mesma ordem do tratamento que se concebe do capital em relação a ele mesmo. Ou seja, com a acumulação de capital e com o espírito de competitividade, o indivíduo é levado a atribuir a si, no contexto da governamentalidade neoliberal, por meio de um crescimento que deve ser ininterrupto, “um valor que deve valorizar-se cada vez mais” (Dardot; Laval, 2016, p. 31). E nesse contexto de competitividade constante, a saúde socioemocional torna-se fundamental para a formação de um sujeito que, enquanto empresa, deve ser resiliente para aprender ao longo de toda a vida, dada a instabilidade constante imposta pelo sistema de competição.

Nas seções seguintes, consideradas essas contextualizações (do *Blog dos Colégios* e da lógica neoliberal), pretende-se iluminar as marcas linguísticas que materializam, no discurso, a hipótese de que a saúde socioemocional é uma mercadoria. Para tanto, como recursos metodológicos:

(I) tomamos como base um dos textos publicados no *Blog dos Colégios*;

(II) apontamos os eventos de linguagem que, enquanto tradições retóricas (Guilhamou; Maldidier, 2016), materializam a mercantilização da saúde socioemocional, e propomos, para eles, uma leitura parafrástica;

(III) na sequência, a partir desse primeiro gesto de leitura, propomos uma leitura interpretativo-analítica desses eventos, em uma perspectiva discursiva.

Na próxima seção (seção 1, Levantamento dos dados de pesquisa), apresentamos o quadro de estudo desses eventos de linguagem, como forma de cumprir o recurso metodológico (II). Na seção 2 (Proposta de leitura interpretativo-analítica dos eventos de linguagem), propomos uma leitura interpretativo-analítica desses eventos, de modo a cumprir o recurso metodológico (III). Nas Considerações Finais, apresentamos uma breve

³ “Que significa formar capital humano, formar essa espécie de competência - máquina que vai produzir rendimento, ou que vai ser remunerada pelo rendimento? Significa, evidentemente, fazer aquilo a que se chama investimentos educativos” (Foucault, 2021, p. 289). Nessa passagem, Foucault marca o papel da educação instrumentalizada na direção de formar pessoas para atender às demandas da racionalidade neoliberal.

retomada do percurso analítico deste estudo. Por fim, listamos nossas Referências Bibliográficas.

1 Levantamento dos dados de pesquisa

O texto analisado neste estudo tem a seguinte apresentação em sua página no *Blog dos Colégios*⁴:

Figura 1. Exemplo da disposição dos textos no *Blog dos Colégios*



Fonte: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/>. Acesso em 10 out. 2023.

Esse texto explicitamente vende a escola por meio das habilidades socioemocionais e digitais, que são tomadas aqui como mercadorias fundamentais para uma ideia de novidade em educação, conforme os documentos oficiais que orientam a educação para o século XXI. Isso fica destacado nos eventos de linguagem detalhados no quadro abaixo:

⁴ Optamos por deixar oculto o nome da instituição de ensino que assina o texto, pois julgamos a informação irrelevante para o estudo realizado. Isso decorre do fato de que os discursos presentes no *Blog dos Colégios* representam uma formação discursiva, a saber, a da escola nova, sendo, portanto, de nosso interesse, o conjunto dos eventos de linguagem, não a autoria de um texto específico.

Quadro 1. Tradições retóricas e eventos de linguagem

Como as habilidades do futuro podem melhorar o desenvolvimento dos estudantes?		
TRADIÇÃO RETÓRICA	INCIDÊNCIAS	LEITURA PARAFRÁSTICA
1. Predicação	<p>Título: "habilidades <i>do futuro</i>" Lead: "inteligência <i>emocional</i>"; "competências <i>essenciais</i>"</p> <p>Linhas 1, 2 e 3: "Os efeitos da <i>pandemia</i> no mercado de <i>trabalho</i> foram <i>severos</i>"; "com o cenário ainda <i>incerto</i>"; "os profissionais que <i>buscam emprego</i> [...] precisam ser <i>resilientes</i>"</p> <p>Linha 4: "entre as competências <i>consideradas essenciais</i>"</p> <p>Linha 6: "habilidades <i>socioemocionais</i>"</p> <p>Linhas 7, 8 e 9: "metade de todos os trabalhadores <i>do mundo</i>"; "entre as habilidades mais <i>requisitadas</i> pelo mercado de <i>trabalho do futuro</i>"</p> <p>Linhas 10 e 11: "competências <i>técnicas</i>, como programação e experiência de <i>usuário</i>"; "habilidades <i>socioemocionais</i>, como criatividade, liderança, pensamento <i>analítico</i> e inteligência <i>emocional</i>"</p> <p>Linhas 13 e 14: "desenvolver habilidades <i>humanas</i> e <i>digitais</i>, cada vez mais <i>exigidas</i> no mundo <i>atual</i>"; "pensamento <i>criativo</i>, gamificação e inteligência <i>emocional</i>"</p> <p>Linhas 16, 17 e 18: "habilidades que não podem ser <i>automatizadas</i>"; "desenvolver o pensamento <i>crítico</i>, [...] o trabalho em <i>equipe</i>, a inteligência <i>emocional</i> e a tomada de <i>decisão</i>."</p> <p>Linha 19: "habilidades <i>digitais</i>"</p>	<p>Instanciamento da novidade em educação, por meio dos termos <i>futuro, emocional</i> e <i>essenciais</i>.</p> <p>Contextualização histórica que pode ser justificativa para a novidade em educação, já marcando o <i>resiliente</i> como eixo do socioemocional.</p> <p>Retomada da ideia <i>essenciais</i> como mote para o que é tido como novidade.</p> <p>Retomada da resiliência, instanciada como competência socioemocional.</p> <p>Nova justificativa sócio-histórica para uma noção de novidade no campo da educação.</p> <p>Referência explícita ao que está sendo vendido.</p> <p>Marcação da novidade em educação, em relação ao que é considerado tradição - a novidade como tecnologia e inteligência emocional.</p> <p>Especificação das competências socioemocionais oferecidas como mercadoria pela instituição.</p> <p>A voz da tecnologia.</p>

	<p>Linhas 22, 23 e 24: "habilidades do século XXI"; "resolução de problemas complexos, trabalho colaborativo, [...] relacionamento interpessoal, [...] tomada de decisão"</p> <p>Linhas 27 a 32: "focadas em áreas de interesse específicas e competências que vão além da grade curricular tradicional."; "currículo mais flexível e adaptado [...] no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver [...] trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional"</p>	<p>Marcação das habilidades requeridas ao sujeito-empresa.</p> <p>Entre as linhas 27 e 32, há a contraposição novidade X tradição, vinculada a uma personalização aparente do ensino, atravessada pela ideia do projeto de vida. É nessa suposta personalização que a peça de propaganda está focando sua mercadoria, fato fortalecido pela constante repetição das competências ensinadas ao longo do texto.</p>
<p>2. Repetição e Paráfrase</p>	<p>Título; linha 9: "habilidades <u>do futuro</u>"; "mercado de trabalho <u>do futuro</u>"</p> <p>Lead; linha 11; linha 18; linha 23; linha 31: "<u>criatividade</u>"</p> <p>Lead; linha 14: "<u>gamificação</u>"</p> <p>Lead; linha 11; linha 14; linha 18; linhas 31 e 32: "inteligência <u>emocional</u>"</p> <p>Lead; linha 4: "competências [...] <u>essenciais</u>"</p> <p>Linha 6; linhas 10 e 11: "habilidades <u>socioemocionais</u>"</p> <p>Linha 11; linha 18; linha 31: "<u>liderança</u>"</p> <p>Linha 17; linha 31: "pensamento <u>crítico</u>"</p> <p>Linha 18; linha 31: "trabalho <u>em equipe</u>"</p> <p>Linha 18; linha 24; linha 31: "tomada <u>de decisão</u>"</p> <p>Linha 24 (2 vezes): "<u>negociação</u>"</p>	<p>Instanciação do tempo a que se deve atender com a novidade em educação.</p> <p>Lugar do protagonismo, reforçado pela repetição da palavra "criatividade".</p> <p>A tecnologia como marca de novidade.</p> <p>Retorno ao emocional como mercadoria.</p> <p>Lista de características do que é entendido como inteligência socioemocional em uma ideia de novidade em educação.</p>

<p>3. Aspeamento, itálico e negrito como marca de heterogeneidade enunciativa (MAINGUENEAU, 1997)</p>	<p>Lead: <i>"Criatividade, gamificação e inteligência emocional são algumas das competências essenciais para os próximos anos"</i></p> <p>Linhas 5, 12, 13, 16 e 22: "é o caso das <i>soft skills</i>"; "o projeto implementado no Ensino Médio é chamado de <i>Future Skills</i>"; "O projeto conta com <i>Human Skills</i> e <i>Digital Skills</i>"; "Os <i>Hubs</i>, disciplinas eletivas e obrigatórias"</p> <p>Linhas 29 a 33: "'Com aulas eletivas, currículo mais flexível e adaptado aos interesses do aluno desde o início, os estudantes ganham no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver a criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional', explica o coordenador do Ensino Médio [...]"</p>	<p>As habilidades do futuro oferecidas como mercadorias.</p> <p>O internacional como marca de autoridade.</p> <p>A voz de autoridade da própria instituição na figura do coordenador do Ensino Médio.</p>
<p>4. Marcadores de finalidade</p>	<p>Lead: <i>"competências essenciais para os próximos anos"</i></p> <p>Linhas 19 a 21: "apontam <i>para as habilidades digitais</i>"; "instrumentalizá-los <i>para o uso das redes sociais</i> como também <i>para a criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área</i>."</p>	<p>Retomada da instanciação do tempo como marca de novidade em educação.</p> <p>Voz da tecnologia como marca de novidade.</p>
<p>5. Relações formais entre seqüências feitas com "e", com "ou" e com "mas" (destaque para seqüências que marcam relação entre tradição e inovação)</p>	<p>Lead: <i>"Criatividade, gamificação e inteligência emocional"</i></p> <p>Linhas 2 e 3: "profissionais que buscam emprego ou uma recolocação precisam ser resilientes e buscarem se qualificar."</p> <p>Linhas 9 a 11: "entre as 15 habilidades mais requisitadas pelo mercado de trabalho do futuro, estão competências técnicas, como programação e experiência de usuário, mas também habilidades socioemocionais, como criatividade, liderança, pensamento analítico e inteligência emocional."</p>	<p>Todas as relações formais ao lado marcam uma ideia de novidade em educação, ao mesmo tempo que, indiretamente, rechaçam uma ideia de tradição, a partir do momento em que repetem, sequencialmente, as habilidades consideradas essenciais para a educação do século XXI pela instituição autora, bem como para o público-alvo, o interlocutor presumido, que essa instituição, ao construir para si um ethos de modernidade e competência, pretende atingir.</p>

	<p>Linha 13: “habilidades humanas e digitais”</p> <p>Linhas 14 e 15: “estudantes cursam disciplinas como pensamento criativo, gamificação, inteligência emocional e programação, por exemplo.”</p> <p>Linha 16: “O projeto conta com <i>Human Skills e Digital Skills</i>”</p> <p>Linhas 17 e 18: “Os alunos são instigados a desenvolver o pensamento crítico, a criatividade, a liderança, o trabalho em equipe, a inteligência emocional e a tomada de decisão.”</p> <p>Linhas 19 a 21: “instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para a criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área.”</p> <p>Linhas 23 e 24: “resolução de problemas complexos, trabalho colaborativo, criatividade, relacionamento interpessoal, negociação, julgamento e tomada de decisão, negociação, entre outras”</p> <p>Linha 29: “currículo mais flexível e adaptado aos interesses dos alunos”</p> <p>Linhas 31 e 32: “criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional”</p>	
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Esses eventos de linguagem tomam por base um modelo de construção de arquivo em Análise do Discurso que remonta ao arquivo do ponto de vista de Guilhamou e Maldidier (2016), passível de acesso por meio da elaboração de um cotexto que permite o levantamento das marcas linguísticas que materializam, pela língua, o social e o histórico do discurso. Para tanto, tomamos também de empréstimo o conceito de tradições retóricas (Guilhamou; Maldidier, 2016) com a intenção de agrupar essas marcas

linguísticas em categorias. Importante salientar que, embora tomemos esses conceitos de empréstimo, não o fizemos considerando categorias já dadas de enunciação, mas elencamos, a partir do estudo do material, as categorias que melhor representavam os discursos estudados.

Assim, a partir da leitura do material, conforme já apresentado no quadro 1, destacamos 5 tradições retóricas: (I) predicação; (II) repetição e paráfrase; (III) aspeamento, itálico e negrito como marcas de heterogeneidade enunciativa (Maingueneau, 1997); (IV) marcadores de finalidade; (V) relações formais entre sequências feitas com “e”, com “ou” e com “mas”. Com base nessas tradições, para cada texto estudado, foi construído um quadro semelhante ao quadro 1, no intuito de levantar as marcas linguísticas e, na sequência, propor uma leitura parafrástica de cada uma delas, com a intenção de fazer um primeiro gesto de leitura que permitisse acesso ao discurso e propiciasse a proposição de uma leitura interpretativo-analítica desses eventos.

2 Proposta de leitura interpretativo-analítica dos eventos de linguagem

Após a apresentação, na íntegra, das marcas linguísticas destacadas em cada uma das tradições retóricas elencadas, para este estudo, deteremos nossa atenção nas tradições: (II) paráfrase e repetição; (III) aspeamento, itálico e negrito como marcas de heterogeneidade enunciativa (Maingueneau, 1997); e (IV) marcadores de finalidade. Nossa escolha por essas tradições remonta ao fato de que, nessas passagens, é possível notar o cruzamento das demais tradições, uma vez que um mesmo trecho pode ser também um modo de predicação, ou mesmo um evento destacado de construções coordenadas. Para a leitura que proporemos, tomamos de empréstimo dois importantes conceitos: a sobreasseveração (Maingueneau, 2014) e a heterogeneidade enunciativa (Maingueneau, 1997). Consideramos esses conceitos essenciais, pois a sobreasseveração, entendida como ato de “antecipar um destacamento” (Maingueneau, 2014, p. 16), devido à sua destacabilidade (Maingueneau, 2014), permite fazer ver a construção do *ethos*⁵ (Maingueneau, 1997) da

⁵ Importa-nos salientar que não confundimos o *ethos* enunciativo com a instituição escolar tomada como representação de uma pessoa jurídica, pois entendemos o *ethos* como constituinte da formação

instituição enunciadora, uma vez que as passagens sobreasseveradas tiveram destaque dado pela própria instituição enunciadora como forma de demarcar um lugar de enunciação.

No que concerne à heterogeneidade enunciativa, nos trechos sobreasseverados, é possível elucidar as vozes que se cruzam no dizer, definindo, por meio desse cruzamento (a) o lugar de enunciação; (b) o destinatário preferido dessa enunciação, devido às marcas de endereçamento; e (c) o outro que, em relação polêmica, está à margem daquilo que o discurso pretende sustentar. No caso deste estudo, é possível fazer ver a relação polêmica entre uma ideia de novidade e uma ideia de tradição em educação, fato sócio-histórico materializado na língua.

Para exemplificar esse raciocínio, apresentamos uma primeira sequência de eventos de linguagem destacados do quadro 1, pertencentes à tradição retórica (II), repetição e paráfrase:

- (1) Lead; linha 11; linha 14; linha 18; linhas 31 e 32: "inteligência emocional"
- (2) Lead; linha 4: "competências (...) essenciais"
- (3) Linha 6; linhas 10 e 11: "habilidades socioemocionais"
- (4) Linha 11; linha 18; linha 31: "liderança"
- (5) Linha 17; linha 31: "pensamento crítico"
- (6) Linha 18; linha 31: "trabalho em equipe"
- (7) Linha 18; linha 24; linha 31: "tomada de decisão"

A repetição constante de uma visão de inteligência emocional, que ocorre entre os exemplos (1) a (7), atrelada a termos como "liderança", "pensamento crítico", "trabalho em equipe" e "tomada de decisão", evoca a voz do empresariamento do sujeito por meio da introdução das habilidades que permitem a gestão de uma instabilidade constante do mundo atual, bem como da capacidade de aprender ao longo de toda a vida e de ocupar o lugar da unidade-empresa. Essa voz, vinculada a uma ideia de resiliência, reforça a saúde socioemocional como a mercadoria que está sendo vendida e instancia o que se entende por novidade em educação nessa cena enunciativa (Maingueneau, 1997). Ao mesmo tempo que a ideia de novidade fica esclarecida, também fica elucidado o que está sendo recusado, uma imagem

discursiva. "Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade" (Maingueneau, 1997, p. 45-46).

de tradição em educação, cuja voz parece ser aquela de uma educação tradicional, conteudista e presa ao ensino das disciplinas e dos conhecimentos habitualmente presentes nos currículos escolares. Essas repetições enfatizam as habilidades requeridas pela educação para o futuro; são justamente essas habilidades que são a mercadoria oferecida pela instituição que assinou o texto, em diálogo com documentos oficiais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) ou o relatório do Fórum Econômico Mundial, instanciados na argumentação como vozes de autoridade que ratificam o valor da mercadoria oferecida.

Outra sequência de exemplos que destacaremos está vinculada à tradição retórica (III), aspeamento, negrito e itálico:

(8) Lead: "*Criatividade, gamificação e inteligência emocional são algumas das competências essenciais para os próximos anos*"

(9) Linha 5: "*é o caso das soft skills*"

(10) Linhas 12 e 13: "*o projeto implementado no Ensino Médio é chamado de Future Skills*"

(11) Linha 16: "*O projeto conta com Human Skills e Digital Skills.*"

(12) Linha 22: "*Os Hubs, disciplinas eletivas e obrigatórias*"

(13) Linhas 29 a 33: "*Com aulas eletivas, currículo mais flexível e adaptado aos interesses do aluno desde o início, os estudantes ganham no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver a criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional*", explica o coordenador do Ensino Médio (...)"

Essa nova sequência, composta pelos exemplos (8) a (13), por meio da sobreasseveração, permite perceber a heterogeneidade enunciativa das vozes que se somam para compor o significado do discurso. O lead, exemplo (8), em itálico no original, destaca, por sobreasseveração, as habilidades do futuro oferecidas como mercadoria. Já os nomes em inglês, presentes nos exemplos (9) a (12), bem como o nome dado pela instituição para as disciplinas especiais, "Hubs", estão em itálico, aparentemente, por serem termos em inglês. Contudo, para além dessa necessidade inicial de marcar com aspas termos que sejam estrangeirismos, é possível perceber que esses nomes são marcas de heterogeneidade que instanciam as vozes de autoridade internacionais, como a OCDE e o FMI, que sustentam a argumentação da peça publicitária da instituição, como voz que ratifica o valor dessa visão de novidade em educação, atestando, portanto, o ethos de eficiência da instituição enunciadora. Outra passagem sobreasseverada que fortalece o ethos de competência da instituição é a entrada entre aspas da voz do coordenador do Ensino Médio,

cuja autoridade do dizer fica estabelecida pelo cargo ocupado e sustenta, ainda mais, o valor da peça publicitária construída e da qualidade da mercadoria saúde socioemocional oferecida por essa instituição.

Uma última sequência de exemplos que vamos destacar pertence à tradição retórica (4):

(14) Lead: *"competências essenciais para os próximos anos"*

(15) Linha 19: *"apontam para as habilidades digitais"*

(16) Linhas 19 a 21: *"instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para a criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área."*

Nessa sequência, entre os exemplos (14) a (16), é possível perceber que os marcadores de finalidade instanciam os objetivos diretos das novas habilidades ensinadas pela instituição de ensino, reforçando a necessidade desse aprendizado para um sujeito que queira "cabem" no novo mundo que se desenha, para o qual a escola deve ser capaz de formar sujeitos e cidadãos globais. Queremos dizer, formar sujeitos que sejam representativos do capital humano necessário para uma forma-empresa que seja atuante no contexto atual, de modo a atender às demandas geradas pelo Estado e para as quais a educação é uma forma de concretização.

Por isso, pode-se assumir que a tradição retórica das construções que marcam finalidade é a que melhor representa o fato de ser uma peça publicitária o discurso enunciado pela instituição, sendo, também, por meio dessas finalidades, que fica mais uma vez instanciada a voz do mercado neoliberal, que atravessa a instituição escola e também as subjetividades dos educandos, aqui tomados como capital humano, ou seja, unidades-empresa, que devem ser capazes de lidar com o mundo do futuro – esse que faz emergir uma ideia de novidade em educação, instanciada na polêmica com um entendimento do que seja marcado como tradição no campo da formação do sujeito empresariado.

Considerações finais

Portanto, é nesse contexto, ou seja, da escola neoliberal, que a saúde socioemocional é apresentada como uma mercadoria, já que, no mundo regido pela concorrência e pela competitividade constantes, faz-se

preponderante ter equilíbrio para gerir as pressões vinculadas ao aprendizado ao longo de toda a vida e à responsabilização única de um sujeito pelo seu sucesso e respectivo fracasso.

Após o levantamento dos dados, foi possível concluir que: (I) a saúde socioemocional está mercantilizada, a partir do fato de que constitui uma das principais habilidades para a educação do século XXI, como apontado, por exemplo, na BNCC; e (II) que, ao materializar, na linguagem, os valores (sociais, éticos, socioemocionais, acadêmicos) que permeiam o texto, os abstratos ficam corporificados e podem, portanto, ser vendidos como mercadoria. Queremos dizer, uma vez que a linguagem materializa, por meio das tradições retóricas elencadas, as habilidades requeridas em uma ideia de novidade em educação, essas habilidades – entre elas, a inteligência socioemocional – passam a possuir um valor e podem, portanto, ser oferecidas e vendidas como mercadorias.

Referências

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2023.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- UNESCO. DELORS, Jacques; et al. (Orgs.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Trad. José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Pedro Elói Duarte. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2021.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Trad. Carolina P. Fedatto; Paula Chiaretti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Trad. Sírio Possenti [et alli]. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes / Editora da Unicamp, 3ª. edição, 1997.

Anexos

Anexo I – Texto na íntegra

Como as habilidades do futuro podem melhorar o desenvolvimento dos estudantes?

25 de março de 2021 | 12h52

Criatividade, gamificação e inteligência emocional são algumas das competências essenciais para os próximos anos

Os efeitos da pandemia no mercado de trabalho foram severos. Com o cenário ainda incerto, os profissionais que buscam emprego ou uma recolocação precisam ser resilientes e buscarem se qualificar.

Entre as competências consideradas essenciais, algumas vêm ganhando importância nos últimos anos, como é o caso das *soft skills*. O termo é bastante difundido entre recrutadores, pois boa parte das empresas já perceberam a importância de ter profissionais com habilidades socioemocionais.

Segundo o relatório *Future of Jobs 2020*, produzido pelo Fórum Econômico Mundial, metade de todos os trabalhadores do mundo irão precisar de requalificação até 2025. Ainda, de acordo com o relatório, entre as 15 habilidades mais requisitadas pelo mercado de trabalho do futuro, estão competências técnicas, como programação e experiência de usuário, mas também habilidades socioemocionais, como criatividade, liderança, pensamento analítico e inteligência emocional.

No Colégio X, o projeto implementado no Ensino Médio é chamado de *Future Skills*, e visa desenvolver habilidades humanas e digitais, cada vez mais exigidas no mundo atual. Os estudantes cursam disciplinas como pensamento criativo, gamificação, inteligência emocional e programação, por exemplo.

O projeto conta com *Human Skills* e *Digital Skills*. As primeiras são focadas nas habilidades que não podem ser automatizadas. Os alunos são instigados a desenvolver o pensamento crítico, a criatividade, a liderança, o trabalho em equipe, a inteligência emocional e a tomada de decisão. Já as *Digital Skills*, apontam para as habilidades digitais. Aqui, há uma preocupação em instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área.

Os *Hubs*, disciplinas eletivas e obrigatórias, objetivam desenvolver as habilidades do século XXI, tais como resolução de problemas complexos, trabalho colaborativo, criatividade, relacionamento interpessoal, negociação, julgamento e

tomada de decisão, negociação, entre outras, por meio de projetos envolvendo os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU.

Tudo está alinhado às propostas do Ministério da Educação, em sua Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e, principalmente, focadas em áreas de interesse específicas e competências que vão além da grade curricular tradicional.

“Com aulas eletivas, currículo mais flexível e adaptado aos interesses dos alunos desde o início, os estudantes ganham no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver a criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional”, explica o coordenador do Ensino Médio do Colégio X.

(Disponível em <https://www.estadao.com.br/educacao/colégio-marista/como-as-habilidades-do-futuro-podem-melhorar-o-desenvolvimento-dos-estudantes/>. Acesso em 10/06/2023)